

Apostolado das almas do purgatório

1. A oração pelos defuntos

O coração humano sente dificuldade em aceitar a perda para sempre dos próprios caros, e tenta manter certa comunhão com eles, em muitos casos para confiá-lo a Deus. Toda cultura e religião tem os próprios modos de “relembrar” os seus mortos. Para os cristãos, a oração pelos defuntos é uma expressão da fé na ressurreição dos mortos e na vida eterna, prometida por aquele que “não é o Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mc 12,27). A este Deus nós confiamos os caros defuntos na oração pessoal e litúrgica. Além do rito das Exéquias e nos vários aniversários, e a lembrança anual de Todos os fiéis defuntos, todo dia na Oração eucarística há a lembrança dos defuntos.

O Catecismo da Igreja Católica (1994) ensina como a “permanência” no purgatório pode ser abreviada graças às obras de sufrágio pelos defuntos. “Este ensinamento está baseado também sobre a prática da oração para os defuntos dos quais já fala a Sagrada Escritura... Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu por eles sufrágios, para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos”¹.

Entre as várias formas de sufrágio, a principal é o sacrifício eucarístico. A tradição estabelece datas fixas: após três, sete e trinta dias da morte, e depois a cada aniversário anual. “É o modo cristão de recordar e prolongar, no Senhor, a comunhão com quantos ultrapassaram os limiares da morte”². Este rastreamento temporal tem origem na Bíblia: Jesus ressuscitou após três dias, José proclamou um luto de sete dias pela morte do pai Jacó (Gn 50,10); por Arão e Moisés houve pranto por trinta dias (Nm 20,30; Dt 34,8). A Missa anual no aniversário da morte é a lembrança do *dies natalis*, do nascimento ao Céu.

2. Uma longa tradição

Durante os séculos, os cristãos rezaram sempre pelos defuntos como ato supremo de caridade para com as pessoas queridas que deixaram esta vida ou para com as almas desconhecidas pelas quais ninguém reza. É uma prática que remonta pelo menos ao III século. Tertuliano já escreve no ano 211 sobre a prática de oferecer orações e a Eucaristia para os defuntos. No V século, Santo Agostinho alude à prática de recordar os defuntos “no altar de Deus na comunhão do Corpo de Cristo”.

A prática dos sufrágios é observada na Igreja Católica, e muitas liturgias antigas dão testemunho de sua presença nas Igrejas orientais. A Comemoração de Todos os fiéis defuntos, dia 2 de novembro, inicia em 998, graças a Odilo de Cluny, que ordena aos beneditinos de observá-la todo ano. A prática se difunde logo nas outras comunidades católicas. Os protestantes recusam esta prática por causa de sua associação com a doutrina do purgatório; hoje muitas igrejas protestantes observam esta prática.

A palavra “sufrágio” deriva do latim e refere-se aos pedaços de cerâmica (“frame”) usados antigamente para dar o voto. Por este motivo ainda hoje “sufrágio” é sinônimo de “votação”. É como se “recomendasse” determinado candidato nas eleições. Aplicado a um defunto o sufrágio é, portanto, uma “recomendação” para que o “tempo” de purgatório seja mais breve.

Em tema de sufrágio convém lembrar o sentido das “Missas gregorianas”: a celebração de uma missa ao dia, por 30 dias consecutivos. A origem remonta a São Gregório Magno: no livro IV

¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1032.

² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre piedade popular e liturgia*, n. 255.

dos *Diálogos*, a ele atribuído, narra-se de um monge morto sem reconciliação com a Igreja após ter cometido um pecado contra a pobreza. Após trinta dias nos quais havia sido celebrada para ele uma Missa de sufrágio, apareceu a um coirmão anunciando a própria libertação das penas do purgatório.

Em algumas instituições eclesiais existe a Obra das Missas perpétuas, aprovadas pela Igreja; também na Sociedade de São Paulo existe e é viva esta iniciativa, querida por Pe. Alberione, que une o zelo apostólico e a intercessão para os defuntos: quem deseja colaborar ao apostolado paulino, com uma pequena oferta, participa das Missas perpétuas que os sacerdotes paulinos celebram todo ano para estas pessoas.

3. A doutrina do purgatório

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, todos aqueles que morrem na graça e na amizade de Deus, mas ainda imperfeitamente purificados, têm certeza da própria salvação eterna; mas após a morte sofrem a purificação, para chegar à santidade necessária para entrar na alegria do céu”³. O *Catecismo* define a existência da “doutrina da fé relativa ao purgatório”, formulada principalmente nos Concílios de Florença e de Trento. «A Igreja chama purgatório esta purificação final dos eleitos, que é muito diferente do castigo dos condenados (...) A Tradição da Igreja, a partir de algumas passagens da Escritura (cfr., por exemplo, 1Cor 3,15; 1Pd 1,7) fala de um fogo purificador. “A respeito de algumas culpas leves, deve-se crer que, antes do juízo, há um fogo purificador; de fato, aquele que é a Verdade afirma que, se alguém pronuncia uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem neste século, nem naquele futuro (Mt 12,31). Desta afirmação deduz-se que certas culpas podem ser perdoadas neste mundo, mas algumas outras no mundo futuro (São Gregório Magno, *Diálogos*, 4, 39)”»⁴. O *Catecismo* reevoca ainda a Tradição da Igreja, onde o “sacrifício eucarístico”, “as esmolas, as indulgências e as obras de penitência” são vivamente recomendadas, “para que os defuntos, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus”⁵.

A Sagrada Escritura tem referências que justificam tal existência. Além do Segundo livro dos Macabeus – considerado não canônico pelos reformistas protestantes –, onde se lê sobre o sacrifício oferecido pelos mortos, “suplicando que o pecado cometido fosse perfeitamente perdoado” (cfr. 2Mc 12,43-45), no Evangelho de Mateus, fala-se várias vezes de “fogo” purificador pelas culpas que poderão ser perdoadas, em contraposição a quem falará contra o Espírito Santo, que “não será perdoado nem neste mundo, nem naquele futuro” (cfr. Mt 12,32).

O desenvolvimento histórico desta doutrina liga-se a uma dupla fé: que existe a possibilidade de uma temporânea expiação ultraterrena das culpas antes de chegar à visão beatífica, e que os vivos podem rezar para os defuntos que expiam. Os primeiros testemunhos sobre a crença no purgatório – do fim do II século (Orígenes e os Padres Capadócioc e, entre os Latinos, são Cipriano, são Jerônimo, santo Ambrósio, santo Agostinho e são Gregório Magno) – referem-se sobretudo à ideia de uma expiação temporânea ultraterrena.

A devoção às Almas do purgatório ou padecentes difunde-se com a Contrarreforma, que defende tal existência, negada pelos protestantes. Na realidade, só Deus conhece a sorte de um defunto; não nos é dado sabe-lo de modo algum. A representação do purgatório – rara antes do XV século – desenvolve-se em relação às ilustrações da *Divina Comédia* e é semelhantes a do inferno, exceto pela presença de anjos ou de Nossa Senhora. Já faz certo tempo que esta devoção vem caindo no esquecimento.

No uso comum da linguagem cristã, o purgatório é um dos três estados do após a morte, juntamente com o inferno e o paraíso; na teologia católica, é a condição daqueles que, mortos na

³ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1030.

⁴ *Ibidem*, n. 1031.

⁵ *Ibidem*, n. 1032.

graça e na amizade de Deus, não estão ainda perfeitamente purificados e devem purificar-se para obter a santidade necessária e serem admitidos à visão de Deus.

Na história da Igreja há uma longa lista de santos e místicos que tiveram visões e colóquios reveladores com as almas do purgatório. Para lembrar alguns: Gertrudes, Catarina de Gênova, Roberto Belarmino, Nicola de Tolentino, Caterina de Bolonha, Contardo Ferrini, Margarida Maria Alacoque, João Maria Vianey, João Bosco, Gema Galgani, Pio de Pietralcina... e, mais recentemente, o bem-aventurado Ângelo D'Acri e a bem-aventurada Ana Catarina Emerick.

Santa Catarina de Gênova explica que a alma se apresenta a Deus ainda ligada aos desejos e à pena que derivam do pecado, e isto lhe torna impossível gozar da visão de Deus... Então empreende voluntariamente uma purificação para chegar à visão beatífica na Comunhão dos Santos. Isso é conhecido como “purgatório”. Aqui as almas têm a imensa alegria de saber que um dia estarão com o Senhor, embora padecendo, ao mesmo tempo, as penas da purificação⁶.

Sem considerar o que diz respeito à autenticidade das revelações, é a mística austríaca Maria Simmachi que, mais que todos, ilumina este tema. Segundo ela, o purgatório é um lugar e uma condição que a alma vive quando precisa ainda expiar e reparar os pecados cometidos durante a vida, antes de chegar a Jesus no paraíso... O purgatório é uma condição, mas também um lugar e um tempo de espera no qual as almas anseiam por Deus. Não é Deus a mandar as almas para o purgatório, são as almas mesmas que desejam se purificar antes de chegar a Deus.

São João Paulo II ensinou que «a oferta da misericórdia (por parte de Jesus ao Pai por nós) não exclui o dever de nos apresentarmos puros e íntegros diante de Deus, ricos daquela caridade, que Paulo chama “vínculo de perfeição” (Cl 3,14) ... somos convidados a “purificar-nos de toda mancha da carne e do espírito” (2Cor 7,1; cfr. 1Jo 3,3), porque o encontro com Deus requer uma pureza absoluta... »⁷.

4. A oração pelas almas do purgatório

A prática da oração pelos defuntos reforçou-se pela doutrina do purgatório, cujas origens podem remontar ao II século. «Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu por eles sufrágios, especialmente o sacrifício eucarístico (cfr. II Concílio de Lyon: Dz 856) para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos: “Levemos-lhes socorro e os comemoemos. Se os filhos de Jó foram purificados pelo sacrifício do pai deles (cfr Jó 1,5) porque deveríamos duvidar que nossas ofertas pelos mortos não lhes levam alguma consolação? Não hesitemos em socorrer aqueles que morreram e em oferecer por eles nossas orações (São João Crisóstomo, *Homiliae in primam ad Corinthios*, 41,5)”⁸».

Ensina São João Paulo II: “Como na vida terrena os crentes estão unidos entre eles no único Corpo místico, assim após a morte aqueles que vivem no estado de purificação experimentam a mesma solidariedade eclesial que atua na oração, nos sufrágios e na caridade dos outros irmãos na fé. A purificação é vivida no vínculo essencial que se cria entre aqueles que vivem a vida do século presente e aqueles que já gozam a bem-aventurança eterna⁹.”

Aquilo que fazemos com os sufrágios para os defuntos é rezar que seja feita a vontade de Deus que “quer que todos sejam salvos” (1Tm 2,4), que ninguém se perca e que e que Jesus “o ressuscite no último dia” (Jo 6,40). Na mentalidade atual, tende-se a “esconder” a realidade da morte, com o costume de afastar os defuntos da própria casa levando-os aos lugares comuns de

⁶ CATARINA DE GENOVA, *Vita mirabile*, 177r.

⁷ JOÃO PAULO II, *Audiência geral*, 4 de agosto de 1999.

⁸ *Catecismo da Igreja católica*, n. 1032

⁹ JOÃO PAULO II, *Audiência geral*, 4 de agosto de 1999.

honras fúnebres, com sepultamentos anônimos, quase procurando apagar a memória desse fato o mais depressa. Isso dificulta a oração comunitária, e leva a esquecer uma das obras de misericórdia espiritual: aquela de rezar pelos mortos, isto é, por aqueles que estão no “purgatório”.

O modo mais eficaz para ajudar as almas do purgatório é a santa Missa, porque é Cristo mesmo que se oferece por nosso amor. São Bernardo de Claraval teve uma visão numa igreja de Roma: numa escada subiam as almas do purgatório para ir para o paraíso enquanto celebrava a Missa. A visão evidencia o valor da Missa para ajudar as almas do purgatório.

São também úteis todas as formas de orações, sacrifícios e boas obras, as ofertas a Deus dos sofrimentos: aqueles voluntários, como o jejum, as privações, etc., e aqueles involuntários, como as doenças, as humilhações, os lutos, etc. De 1º a 8 de novembro há uma especial indulgência aplicável para as almas santas quando se visita um cemitério, com as condições habituais: confissão sacramental entre oito dias, Comunhão, orações pelas intenções do Papa e sincero desejo de se desapegar de todo pecado.

A solicitude de sufragar as almas do purgatório não é para nós só um dever de justiça e de caridade, mas também um grande benefício, porque as almas do purgatório nos são sumamente gratas pelos alívios que lhes damos, e nos protegem. Elas não têm a possibilidade de adquirir merecimentos, mas têm a possibilidade de rezar, e rezam com preferência por aqueles que lhes beneficiam.

Os efeitos desta proteção espiritual não são visíveis, mas muitas boas inspirações, santos pensamentos, que nos dão a vitória nas tentações, e conversões prodigiosas, em ponto de morte, devem-se certamente às orações das almas do purgatório. Suas orações são muito eficazes, porque são almas santas, e nos procuram grandes benefícios para a vida espiritual e corporal. Narram-se muitas graças, também milagrosas, obtidas pela intercessão das almas do purgatório.

Trata-se na realidade de um intercâmbio entre céu e terra, fruto do dogma da comunhão dos santos. Há uma verdadeira partilha de caridade entre céu e terra; os membros da Igreja são chamados a participar na missão de salvação de Cristo e a assumir os seus sentimentos para com estas almas santas: as almas santas, incapazes de se ajudarem, confiam nas orações da Igreja peregrina para abreviar sua purificação. Santo Tomás ensina-nos que as almas santas podem rezar por aqueles que amam sobre a terra, embora não conhecendo suas necessidades concretas¹⁰.

5. O ensinamento do bem-aventurado Tiago Alberione

Quer nos escritos como nas pregações, o bem-aventurado Tiago Alberione fala muito sobre as Almas do purgatório; naturalmente, sua linguagem espelha a mentalidade do tempo. Muitíssimas vezes introduz este tema no elenco das devoções da primeira semana do mês – a primeira terça-feira do mês –, enumerando-o entre as formas de apostolado, e também entre as intenções de oração. Fala explicitamente muitas vezes porque “o amor às almas do purgatório é todo feito de compaixão e atenciosa caridade”¹¹. Explicando as partes da Missa, diz que, após a consagração, “Faz-se a distribuição dos frutos: ao céu, às almas do purgatório, à Igreja militante, com a piíssima conclusão: *per ipsum*... glória à Santíssima Trindade por Jesus Cristo”. E fala sobre a relação entre as várias partes da Igreja: “A Igreja militante sufraga as almas padecentes e glorifica a triunfante; a padecente reza pela militante e honra a triunfante à qual aspira, a triunfante ama, comunica, ajuda a padecente e a militante”¹².

¹⁰ Cfr. STO. TOMÁS, *Summa Theologiae*, 1, q.89.

¹¹ TIAGO ALBERIONE, *Ut perfectus sit homo Dei*, n. 14, pp. 226-227.

¹² *Ibidem*, n. 69, pp. 233-234.

Às Filhas de São Paulo Pe. Alberione pede para rezar às almas padecentes para “obter as graças necessárias ao Instituto”¹³. E afirma: “A propaganda é sufrágio pelas almas padecentes da cidade aonde vão”¹⁴. Às Pias Discípulas confia a oração, na Adoração¹⁵, pelas almas padecentes, lembrando que “enquanto aliviemos as almas padecentes, eis que cancelamos o nosso purgatório”¹⁶. Às Irmãs Pastorinhas pede para lucrar indulgências pelas alma do purgatório e a promover o culto aos mortos, a reparar os pecados das paróquias e sufragar as almas do purgatório, porque “depois vos ajudarão para a comunidade. Eu nunca pedi uma graça às almas padecentes sem tê-la obtida”¹⁷. Devem ter um coração pastoral, sensíveis “aos sofrimentos das almas padecentes”¹⁸. Às consagradas seculares Pe. Alberione reitera o valor da Missa para ajudar as almas padecentes e lembra que são celebradas trinta missas pelos membros da Família Paulina¹⁹.

Meditando sobre o purgatório, Pe. Alberione diz que é preciso fazer duas coisas: evitá-lo e esvaziá-lo: “Sufragar as almas padecentes; é dever para com os parentes; às vezes é gratidão para com os benfeitores; muitas vezes justiça para com os defuntos em relação aos quais há alguma obrigação; sempre é ato de caridade espiritual”²⁰.

Um seu bilhete manuscrito, datado de 14 de setembro de 1953, apresenta uma oração a ser colocada “após a oração para os Defuntos”, que conclui: “Eu me imponho a sufragar quanto puder as almas padecentes; e vós, Bondade infinita, logo que a alma for liberta dos vínculos do corpo, admiti-a à visão e ao gaudium eterno”. No São Paulo de julho de 1955 publica-se uma oração pra a primeira terça-feira do mês, que é na realidade uma nova versão do quarto ponto da corozinha²¹.

Dia 8 de abril de 1956 (Domingo *in Albis*), Pe. Alberione compõe a corozinha pelas Almas do purgatório, especialmente para a primeira terça-feira do mês. Consta de cinco pontos: 1) faz-se um ato de fé na existência do purgatório e no valor dos sufrágios, e pede-se aumento de fé e caridade para com os irmãos defuntos; 2) invoca-se a intercessão de Maria e de todos os Santos, em particular são Miguel “arauto da milícia celeste”, para que estas almas sejam admitidas “à luz e à alegria eterna”; 3) reza-se pelas almas para com as quais tem-se “mais fortes deveres de gratidão, justiça, caridade, parentesco: os pais, os benfeitores espirituais e corporais”, e pelas “pessoas que sobre a terra tiveram maiores responsabilidades”, pelas “almas esquecidas e pelas mais devotas de Jesus Mestre, da Rainha dos Apóstolos, de São Paulo apóstolo”; 4) segue um agradecimento a Jesus Mestre por nos ter salvado “com a tua doutrina, santidade e morte”, e reza-se “pelas almas que se encontram no purgatório por causa da imprensa, do cinema, do rádio e da televisão”; 5) reza-se pelos próprios pecados e pede-se o perdão pelas “penas merecidas para esta ou para a outra vida”, pede-se “espírito de penitência, delicadeza de consciência, ódio a toda venialidade deliberada e as disposições necessárias para se conseguir as indulgências”, com o “compromisso de sufragar as almas padecentes”, para ser admitidos logo “a contemplar-te, amar-te, gozar-te para sempre no céu”²².

Em 1963 Pe. Alberione convida a fazer o ato heroico de caridade por todas as vocações, juntamente com “o ato heroico de caridade pelas almas padecentes. Pelas almas padecentes

¹³ TIAGO ALBERIONE, *Alle Figlie di San Paolo* 1939, p. 693; cfr. p.685.

¹⁴ TIAGO ALBERIONE, *Alle Figlie di San Paolo* 1948, p. 526.

¹⁵ Cf. TIAGO ALBERIONE, *Alle Pie Discepoli del Divin Maestro* 1947, p. 58. Cf. 1956, pp. 70-71; 223-224; 1961, pp 275-276; 1963, pp. 299-300.

¹⁶ TIAGO ALBERIONE, *Alle Pie Discepoli del Divin Maestro* 1957, p. 302. Cf. também por exemplo: 1956, pp. 70-71; 223-224.

¹⁷ TIAGO ALBERIONE, *Prediche alle Suore Pastorelle*. 1947 vol III cinza, p. 114.

¹⁸ TIAGO ALBERIONE, *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*. 1961 vol VIII vermelho, p. 75.

¹⁹ Cf. TIAGO ALBERIONE, *Meditazioni per consacrate secolari*, p. 63.

²⁰ TIAGO ALBERIONE, *Brevi Meditazioni per ogni giorno dell'anno I*, pp. 61-63.

²¹ TIAGO ALBERIONE, *Pregiere*, sez. VI, pp. 238-239.

²² *Le Pregiere della Famiglia Paulina*, Alba, 1985, pp. 126-128.

oferece-se toda a parte satisfatória de nossas boas obras; pelas vocações oferece-se toda a parte impetratória ou, propiciatória e de reparação”²³.

Diz o Fundador que devemos viver com intenção reta – Glória a Deus e paz aos homens –, unidos a Jesus Cristo-operário, para que o nosso trabalho seja, como o seu, “redentor para todos os homens vivos e para todas as almas padecentes”²⁴. Se rezarmos pelos defuntos, podemos confiar que eles rezem por nós²⁵.

É obviamente no livrinho *Ai nostri cari defunti* onde Pe. Alberione trata mais amplamente sobre as almas do purgatório, que formam com “os bem-aventurados do paraíso uma só família, na qual tudo se recebe da Cabeça Jesus Cristo”²⁶. “A Igreja militante sufraga as almas que estão no purgatório, com Missas, penitências, indulgências e obras boas... Os Bem-aventurados no paraíso e as almas padecentes rezam por nós e nos ajudam com sua intercessão que é potente junto ao Senhor”²⁷.

Padre Alberione apresenta palavras dos Padres em favor da existência do purgatório e dos tormentos das almas padecentes, não diminuídos pela consolação da certeza de serem salvos²⁸. A respeito das penas das almas padecentes não temos uma definição formal da Igreja. Mas os santos falaram-nos difusamente sobre a natureza e a intensidade de tais penas”²⁹. Reflete sobre as relações das almas padecentes a nosso respeito, que “podemos ter vínculos de sangue com muitas delas”³⁰. Além disso, refletem a beleza de Deus, “participam da glória divina de cujo esplendor estão revestidas”. E afirma: “A caridade para com os defuntos não é somente útil para eles, mas é ainda salutar para nós”³¹. “As almas padecentes rezam incessantemente por nós”. Assistem-nos continuamente³².

Dedica depois algumas páginas aos sufrágios, o principal deles é a Missa, porque “é o Filho de Deus que se oferece vítima de expiação pelas almas padecentes”. E apresenta testemunhos de vários santos³³. Apresenta Maria Rainha do Sufrágio, afirmando que a devoção a Maria é um meio efficacíssimo para evitar o purgatório³⁴. Entre os modos de satisfazer pelos pecados e de sufragar as almas padecentes sublinha as indulgências. E apresenta outras obras de sufrágio: “Nós podemos oferecer a Deus não somente as orações, mas todas as nossas obras boas enquanto são satisfatórias e impetratórias”³⁵. Apresenta depois três meios para evitar o purgatório, e convida a difundir tal devoção, concluindo com a Novena proposta por Santo Alfonso³⁶.

6. Reflexão final

Encontramos muitos convites do Fundador a praticar o apostolado das almas do purgatório. Não sendo uma realidade do passado, devemos somente situá-la no contexto e na mentalidade de

²³ *Bollettino San Paolo* 1963, p. 5.

²⁴ TIAGO ALBERIONE, *O trabalho*, in *Alma e corpo para o Evangelho*, n. 16. *Sobrenaturalidade*, Paulus, 2014, pp. 174-176.

²⁵ TIAGO ALBERIONE, *Per un rinnovamento spirituale*, p. 276.

²⁶ TIAGO ALBERIONE, *Ai nostri cari defunti*, p. 15.

²⁷ *Ibidem*, p. 16.

²⁸ *Ibidem*, pp. 35; 39-40.

²⁹ *Ibidem*, p. 43.

³⁰ *Ibidem*, pp. 73-77.

³¹ *Ibidem*, pp. 80-83.

³² *Ibidem*, pp. 94-102.

³³ *Ibidem*, pp. 105-109.

³⁴ *Ibidem*, pp. 122-124.

³⁵ *Ibidem*, pp. 148-165.

³⁶ *Ibidem*, pp. 201-218.

nosso tempo. A existência do purgatório é doutrina da Igreja católica e portanto deve ser acolhida. Mas com quais critérios?

Do ponto de vista da reflexão teológica, a ideia do purgatório resulta bastante problemática. Embora encontre-se em muitas religiões, também entre os gregos e os romanos, não se acha expressamente nos escritos da Bíblia, e se desenvolveu sobretudo na patrística – Orígenes, são Cipriano, santo Agostinho, são Gregório... – e com a liturgia. Será definida pelo concílio de Trento, o qual deixará todavia aberto o problema do lugar e do modo (fogo), alertando quanto à curiosidade, à superstição e à avidez. Frequente escreveu-se e se falou sobre o purgatório como se tratasse de uma ciência exata, com a pretensão de conhecer os mínimos detalhes, ainda que nem o Filho do homem conhecia os detalhes sobre o tempo do fim do mundo (Mc 13,32)... É claro que devemos superar muitas curiosidades, porque o essencial já nos foi revelado: e isto é mais do que suficiente; não devemos procurar além disso.

Que dizer então sobre tantas revelações privadas que nos falam de tempo, de duração do purgatório? Na falta de toda referência concreta, deve-se recorrer às categorias conhecidas para tratar sobre realidades desconhecidas. Não podemos imaginar um lugar ou um tempo na eternidade... Na eternidade o tempo não existe... Para os teólogos modernos, o encontro, no mento da morte, com o Deus misericordioso, criador, juiz e salvador seria um “purgatório” enquanto julga, liberta, ilumina, purifica, salva e aperfeiçoa a pessoa para admiti-la a participar definitivamente da vida divina. O aprofundamento teológico continua e continuará...

Nós sabemos que o Pai tanto amou o mundo a ponto de mandar o seu Filho Jesus Cristo não para condená-lo, mas para salvá-lo (cfr. Jo 3,17). Existe uma relação incindível entre a ressurreição de Cristo e a nossa futura ressurreição; a força redentora do Ressuscitado doa aos mortos a vida eterna; a esperança escatológica cristã não é orientada somente à realização futura, mas é também a força que determina e modela o presente: quem crê tem já a vida eterna; “passou da morte à vida” (Jo 5,24)³⁷. Papa Francisco disse: “Na casa do Pai levará também tudo aquilo que em nós necessita ainda de resgate: as faltas e os erros de uma inteira vida. É esta a meta de nossa existência: que tudo se cumpra, e seja transformado em amor”³⁸.

Sabemos que somente a liberdade humana pode contradizer esta vontade de salvação por parte de Deus. Como compor então esta vontade de Deus e a realidade inegável das imperfeições humanas, das manchas, dos pecados que estão em nós? Sabemos que o Reino de Deus será feito só de santidade, e que nele não entrará nada de manchado.

Como acontecerá isto? Não obstante tantas revelações privadas, até a respeito das almas do purgatório, talvez a atitude mais honesta por parte nossa é responder com humildade que não o sabemos. A Igreja, sabiamente, é muito cauta em tais coisas. Certamente não podemos negá-las, porque Deus é muito maior que nossas medidas e pode servir-se de infinitos meios para nos levar ao conhecimento de seus caminhos.

As profecias, as aparições, as visões... não podemos julgá-las com os critérios das ciências humanas. Acolhemos aquilo que a Igreja ensina, levando em consideração que sobre estes argumentos, necessariamente, fala-se de modo aproximativo, segundo a sensibilidade dos tempos. E a sensibilidade de nosso tempo não é a mesma daquela que havia no tempo do bem-aventurado Tiago Alberione. Hoje é difícil entender, por exemplo, o cálculo das indulgências por dias e anos... Na eternidade não existe o tempo!

Façamos o apostolado das Almas padecentes. Mantenhamos a fé na misericórdia infinita de Deus, na convicção que ele acolhe com amor as nossas humildes orações, que estas orações são úteis a nós e às pessoas que passaram para a eternidade. Como? Talvez é melhor deixar tudo nas

³⁷ Cf. GEORGE AUGUSTIN, *Nell’attesa della sua venuta*, pp. 53-54, Ancora Milano 2018.

³⁸ PAPA FRANCISCO, Audiência geral, 25 de outubro de 2017.

mãos de Deus: ele sabe muito bem o que fazer de nossas orações, de nosso “apostolado das almas do purgatório”.

Pe. José Antonio Pérez, ssp